

A CARACTERIZAÇÃO DE TIBÉRIO CÉSAR AUGUSTO COMO PERSONAGEM POLÍTICA NOS *ANAIS* DE TÁCITO

Rafael da Costa Campos¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar uma análise sobre o imperador Tibério César Augusto (14-37 d.C.) – personagem bastante presente nos escritos de Cornélio Tácito na primeira metade que nos chegou dos *Anais* –, ressaltando algumas das mais relevantes exposições historiográficas sobre sua caracterização, observando a importância da relação entre Principado e liberdade política, composição narrativa e o uso das fontes históricas pelo historiador.

PALAVRAS-CHAVE: Tácito; Principado; Tibério; História Política

ABSTRACT: Our main purpose in this paper is to develop an analysis about a composition of the roman emperor Tiberius Caesar Augustus (14 – 37 AD), a fundamental character on the writings of Cornelius Tacitus in the remaining first half of the *Annals*, underlining some of his most significant historiographic proceedings about Tiberius' portrayal, regarding the importance of the relation between Principate and political liberty, narrative composition and his utilization of historical sources.

KEY-WORDS: Tacito, Principate; Tiberio; Political History

Podemos supor que Públio Cornélio Tácito, historiador e político proeminente de família oriunda do Sul da Gália, provavelmente nasceu logo após a ascensão de Nero Cláudio César, em 54 d.C. Acredita-se que seu pai tenha servido a este imperador como oficial de finanças por volta do mesmo período, pertencendo à ordem equestre e inserido em um grupo social cuja importância na execução das funções administrativas elevava-se gradualmente durante o Principado.

As informações mais concretas sobre a biografia de Tácito, assim como os principais subsídios sobre diversos autores de seu período, são derivadas de seus próprios escritos, em especial da biografia sobre seu sogro Júlio Agrícola. Da mesma forma, a correspondência de seu amigo Plínio, o Jovem traz algumas pistas relativas à sua atividade dentro da vida pública romana, nos primeiros anos do século II d.C., – embora não existam certezas sobre o prenome do autor (Gaio ou Públio), bem como

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em História Social da FFLCH-UP sob a orientação do prof. dr. Norberto Luiz Guarinello e membro do Laboratório de Estudos do Império Romano e Mediterrâneo Antigo (Leir-MA/USP).

acerca das datas aproximadas de seu nascimento e morte (especula-se entre 115 a 120 d.C., durante o governo de Adriano).

Sobre sua carreira política, pode-se dizer que o casamento com a filha do então cônsul Júlio Agrícola, em 77 d.C., auxiliou Tácito a avançar dentro do *cursus honorum*, tendo recebido suas primeiras honras públicas durante o Principado de Vespasiano, em 79 d.C., e durante o breve governo de Tito – sendo questor e adentrando ao Senado². No governo de Domiciano tornou-se pretor e foi admitido no colégio sacerdotal dos *quindecimviri sacris faciundis*³. Acredita-se que entre 89 e 93 d.C. tenha comandado uma legião provincial na província da Ásia e fora eleito cônsul em 97 d.C. Após a morte de Domiciano, em 96 d.C., e o breve governo de Nerva (97-98 d.C.), obteve com o imperador Trajano o governo da província da Ásia, em 112 d.C.⁴

A obra que constitui o foco de análise deste artigo foi também seu último escrito⁵. Os *Anais*, compostos entre 115 e 117 d.C, são fragmentos que narram os governos de Augusto até Nero, os quais representam dois terços do texto completo: os livros I a IV, o início do V, o livro VI, sem seu início, e os livros XI (sem o início) a XVI, sem o final, supondo-se um total de dezoito livros. O conteúdo pode ser dividido em três partes: a breve síntese do Principado de Augusto até a morte de Tibério (14-37 d.C.) (livros I a VI); os anos de 47 a 54 d.C. do governo de Cláudio (o Principado de Calígula se perdeu), e o governo de Nero até 66 d.C (sem os eventos próximos a seu assassinato, o princípio da guerra civil e o “ano dos quatro imperadores”, em 69 d.C.).

Os *Anais* representam o amadurecimento da escrita histórica de Tácito sobre o Principado romano. Organizados em três partes, os *Anais* tem sua primeira parte interrompida na primeira aparição do Prefeito do Pretório Élio Sejano no começo do livro IV. A introdução da segunda parte se perdeu, e o que restou termina com a morte do imperador Cláudio; por fim, a terceira parte inicia-se com a ascensão de Nero e

² Tácito, *Histórias*, 1.1.

³ Tácito, *Anais*, 11.2.

⁴ Informações sobre este cargo nos vieram por meio de uma inscrição encontrada na cidade de Mylasa, na Ásia, em 1890.

⁵ A primeira cópia sobrevivente deste livro é um manuscrito conhecido como “primeiro mediceu” ou M1, compreendendo somente os seis livros iniciais, a narrativa do Principado de Tibério, em que grande parte dos livros V e VI nos faltam, e foi transcrito na Alemanha durante a metade do século IX, levando a crer em uma distância de mais de sete séculos entre a confecção do manuscrito original e esta cópia, o que nos sugere inevitáveis alterações do sentido original do texto. Os livros XI a XVI foram encontrados em outro manuscrito conhecido como “segundo mediceu” ou M2, escrito no século XI. Sabemos que este manuscrito foi usado durante os séculos XIV e XV, e que possivelmente algumas cópias que circularam durante esta época dele são derivadas. A primeira impressão dos livros XI-XVI dos *Anais* data de 1472; já o “primeiro mediceu” não foi copiado até meados do século XVI. A primeira edição impressa dos seis primeiros livros foi produzida em 1515, mas somente em 1569 foi encontrada com o nome designado atualmente.

algumas alusões ao governo de Tibério, tendo como referência alguns assassinatos políticos: Agripa Póstumo (14 d.C.), filho adotivo de Augusto e Júlio Silano, procônsul da província da Ásia (54 d.C.). O paralelo entre esses governos também se estende para as comparações entre Lúvia e Agripina, respectivamente mães de Tibério e Nero⁶.

Em sua narrativa, Tácito secciona os Principados em dois momentos: primeiramente, referindo-se a um período de boa administração pública e relativa consonância com a aristocracia senatorial; enquanto a segunda é composta de abusos de autoridade e perseguição política, enfatizando a degeneração do caráter do imperador como efeito da corrupção pelo poder. Diferentemente de um tradicional cânone de escrita historiográfica herdado dos gregos, os *Anais* não começam com uma apresentação dos objetivos pessoais do autor, pois os capítulos iniciais do livro I expõem uma síntese histórica dos eventos que abarcaram o colapso da República e o triunfo político-militar de Augusto. Em seguida, Tácito apresenta uma crítica ao tratamento documental atribuído às vidas dos imperadores júlio-claudianos e, em meio à afirmação de sua imparcialidade (*sine ira et studio*), define como foco de sua obra a cidade de Roma (*Urbem Romanum*) e seu governo. Deste modo, as guerras contra povos estrangeiros e os tumultos militares são inseridos em um plano subsequente às questões de política imperial e as disputas internas por poder.

É relevante destacarmos algumas considerações sobre o texto taciteano. Ronald Mellor (1993, p. 14) afirma que um retrospecto do governo de Augusto, em meio à constatação de que as províncias estavam mais bem apaziguadas sob a égide do príncipe do que pelo Senado⁷, indica um apelo crítico sobre a constatação da perda de uma “inocência política coletiva” na sociedade romana. Mais ainda, A. J. Woodman (2004, p. 12) observa que Tácito não iniciou sua narrativa a partir da vitória militar de Augusto no *Actium* (31 a.C.), pois tinha um claro intuito de explicitar que a passagem de Augusto e a ascensão de Tibério não representavam apenas uma condição política transitória: o Principado seria, pois, uma nova forma de governo, e não apenas mais um estado de sublevação de poderes. Igualmente, a *res publica*⁸ sobreviveria em uma

⁶ Tácito, *Anais*, 1.6; 13.1.

⁷ Tácito, *Anais*, 1.1.

⁸ O conceito de *res publica* pode ser politicamente compreendido como o conjunto dos cidadãos e todos os assuntos relacionados a essa comunidade, sendo também um antônimo de *res privata*. A *res publica* adquire a fisionomia de um “Estado” quando este termo e a *res populi* são unidos em torno do controle de uma aristocracia que defende sua aptidão e sua propriedade para a gerência dos assuntos com o consentimento do povo romano (Ehrenberg, 1974, p. 112). Natural à *nobilitas*, essa atribuição natural do controle do poder e a fé duradoura do povo romano na aristocracia, de fato poderia ser encarada como a fé da própria aristocracia em si mesma (Adcock, 1989, p. 20).

conveniente ambiguidade, em que a aparência de uma permanência de valores políticos na verdade revelava a submissão da aristocracia ao *princeps*, mas que em efeito funde-se na soberania de um único *princeps*: os magistrados continuam sendo eleitos, mas estes deveriam ser aceitáveis para Augusto.

Por sua vez, Ronald Syme (1957, p. 199) credita à construção de sua narrativa o semblante de um historiador político: atenta constantemente sobre os ganhos e perdas na nova forma de governo. Além disso, o tema da tradição política em Roma e as transformações no ideário político se fundem às críticas quanto à consistência desses valores e da administração dos céсарes júlio-claudianos. Sobre esses valores, Judith Ginsburg acrescenta (1993, p. 103) que o passado, as ações e decisões políticas dos *maiores* republicanos são evocadas como um padrão de conduta contra as atribulações do presente: as alusões a diversos momentos da República ressaltam o descompasso do Senado. Entretanto, como bem salienta John Percival (1980, pp. 119-123), muito na narrativa do autor remete a uma percepção nostálgica de República, distante até mesmo do próprio governo de Augusto. Frente a isto, temos também as constantes comparações ao período de Trajano⁹: talvez pela retomada do controle do processo sucessório pelo Senado, e mais ainda pela posição de destaque adquirida durante o governo deste, de que liberdade política e República poderiam caminhar juntas novamente.

Em relação à forma de seu discurso, deve-se partir de uma pressuposição básica sobre a organização de seu relato. Durante a Antiguidade houve uma distinção que estabelecia os *annales* como uma crônica de eventos no passado, enquanto *historia* seria a memória e a experiência de um indivíduo em seu tempo. Todavia, Tácito se descreve como um *auctor* ou um *annalium scriptor*: para enunciar a principal função de seus anais (*praecipuum munus annalium*)¹⁰, e para deixar claro o rigor de sua tarefa (*annales nostri*)¹¹. Tal combinação de funções identifica-se pelas influências textuais de uma tradição estabelecida por Fábio Pictor, Catão, Salústio e Pólio: os historiadores tendem a se assemelhar em uma reprodução dos eventos permeada pelo ressentimento que contrapõe passado e presente, especialmente Salústio.

Para a análise dos eventos em sua obra, Tácito parece ter consultado tanto fontes de fácil acesso quanto documentos obscuros e, assim como outros historiadores romanos, possivelmente acreditava que a pesquisa pessoal era a ferramenta mais

⁹ Tácito, *Histórias*, 1.1.

¹⁰ Tácito, *Anais*, 3.65.

¹¹ *Idem*, 4.32.

importante para a composição de uma história dos eventos recentes. Para tanto, buscou testemunhas oculares desses fatos. Grande parte dos detalhes veio de sua pesquisa em reminiscências, biografias, cartas e discursos da época, bem como as atas senatoriais e obras de historiadores como Plínio, o Velho, Fábio Rústico e Clúvio Rufo.

Em relação à precisão histórica, Ronald Syme aponta (1959, pp. 378-396) a ocorrência de constantes imprecisões, sob diversos aspectos¹²: fatos históricos do último século da República, medidas políticas nos principados de Augusto e Tibério, equívocos e omissões sobre a genealogia de membros das famílias romanas do período, e falta de clareza sobre as origens de vários indivíduos durante o livro. Mais ainda, ignora inúmeras proclamações imperiais, publicações de editos, bem como comete erros na descrição e na localização geográfica de batalhas.

Embora não possamos admitir qualquer tipo de analogia com o procedimento padrão de uma pesquisa histórica atual, para Arnaldo Momigliano (2004, p. 161), Tácito é um escritor cuja autoridade não pode ser desconsiderada; o historiador certamente tinha uma opinião bastante clara sobre as personalidades e a política da corte imperial, e embora não possamos atestar uma manipulação dos eventos, seu ceticismo não o impediu de organizar os relatos para elaborar uma narrativa em que possa persuadir o leitor de seu ponto de vista.

Nesse sentido, o estilo de Tácito mostra as principais características da literatura de seu período: breves e concentradas *sententiae*, geralmente interligadas umas nas outras assindeticamente, o que representa uma apresentação distinta da retórica¹³, combinando a ênfase nos conflitos psicológicos como forma de realce à intenção de um discurso, além de uma aguda percepção sobre a instrumentalização dos componentes discursivos e retóricos perante aqueles que lêem ou escutam um discurso¹⁴.

¹² Para uma ampla discussão sobre imprecisões no texto taciteano, ver Syme, 1997 pp. 378-396; "Tacitus: Some Sources of his Information", *Journal of Roman Studies*, vol. 72 (1982), pp. 68-82; K. Wellesley, 1954, pp. 13-33.

¹³ Einar Löfstedt ressalta (1948, p. 3) que o estilo do autor é uma expressão da personalidade do indivíduo que escreve e emana de seu cerne: de forma concentrada se exhibe uma seriedade sombria e uma movimentação ativa nos eventos históricos de Tácito. Sem degenerar para uma retórica vazia, umas das chaves para a coesão de seu estilo está no material histórico com o qual trabalha e seus fatos, assim como sua preocupação em evidenciar os caracteres psicológicos dos personagens e as tramas que descreve, complementados com considerações de cunho retórico que reverberam a tradição de vários séculos de escrita literária.

¹⁴ Kristine Gilmartin complementa (1974, pp. 216-222), em oposição a Walker (1960) e Syme (1959), que em várias passagens de sua obra Tácito tece comentários sobre retórica, evidenciando a predileção por pelo menos três estilos discursivos. Primeiramente, um estilo simples e fluente era compatível a certas pessoas e circunstâncias, e poderia ser utilizado com sucesso por destacar a sinceridade do enunciador. Em segundo, um estilo que mescla complexidade e sinceridade também poderia ser eficaz. Por último,

Não entraremos nos pormenores de cada exemplo, mas alguns comentários sobre o estilo oratório de Tibério nos fornecem alguns indícios, como o de um discurso sincero: “O Imperador, que na maior parte das vezes era contido e parecia empurrar suas palavras, falava mais atenta e expansivamente quando intercedia em auxílio de alguém”¹⁵. Como exemplo de um discurso rude e ambíguo, por sua vez, há a resposta de Tibério à solicitação de dinheiro feita pelo senador M. Hortálo, exortando os senadores a não solicitar indistintamente auxílio do Estado, como um risco de intensificação da licenciosidade¹⁶.

A elevação dos planos psicológicos e o destaque dos elementos dramáticos na estrutura do relato histórico¹⁷ criaram um novo cânone na narrativa historiográfica. Tanto Alain Michel (1971, p. 59) quanto J. Cousin (1957, pp. 233-234) acreditam em influências do pensamento estóico sobre Tácito, que influencia na construção de um discurso moralista que faz do homem o centro de seu estudo e o objetivo de sua enquete. Em meio a isto, o autor teria se utilizado da *eirôneia*, mistificação ou construção de uma ironia intelectual, visando a verter luz sobre os segredos do Principado.

Perante sua intenção de relatar apenas as opiniões que se destacam por sua nobreza ou torpeza insigne¹⁸, Tácito nutre profunda desconfiança pela aparência dos fatos. À parte as distorções de seu próprio julgamento, a expressividade dos personagens toma, junto com suas falas e as análises destas, o primeiro plano nessa ironia. Esta se completa com a ampla utilização de termos como “dissimulação” (*dissimulatio*) e “aparência” (*species*)¹⁹. O verbo *uolle* (querer), por sua vez, e a palavra *voluntas* – virtude que se atribui aos imperadores –, dá lugar aos impulsos, remetendo ao plano psicológico e ao apelo dramático de seus personagens: *ira*, *inuidia*, *odium*, *simultates*, *cupiditas*, *studium*.

um estilo complexo e ambíguo poderia ser mais útil em caso de situações conflituosas, embora o excesso de ambiguidade fosse perigoso, pois poderia provocar uma reação inesperada e não soar sincero.

¹⁵ Tácito, *Anais*, 4.31.

¹⁶ *Idem*, 2.38.

¹⁷ Mais do que uma simples compilação, em sua estrutura analítica existe a preocupação com a busca de uma unidade interna que estabeleça as relações de ação e reação no decurso dos eventos e de seus personagens. Diante dessa tentativa de explicação das ações humanas são relacionados efeitos materiais e causas psicológicas, sugerindo certa liberdade do homem em meio a um mundo gerido pelo *fatum*: o agente do *fatum* e da *fortuna* liga a consequência de suas paixões às tramas de seu destino (Cousin, 1957, p. 233).

¹⁸ Tácito, *Anais*, 3.65.

¹⁹ Segundo Cousin (1957, p.238), o termo *species* é utilizado 154 vezes nas obras de Tácito.

Assim, no que tange à forma, podemos asseverar que Tácito faz amplo uso de um discurso dramático²⁰ e suas menções: a *oratio recta* ou a *oratio obliqua*. Dentro dessas duas categorias fundamentais ocorrem seis tipos principais de discurso: pronunciamentos formais ao público (*contio*); intercâmbios informais entre falantes (*conversatio*); comentários individuais aleatórios (*dictum*); sínteses de opinião (*combinatio*); oráculos, preces ou editos (*formula*); e, por fim, instruções para algum funcionário ou legados.

Em relação ao conteúdo, podemos reafirmar que seu interesse predominante era pela política interna de Roma, seguindo-se às questões militares e à política externa. Tibério é o principal interlocutor, fato relevante no desenvolvimento da narrativa entre os livros I e VI. Neles é possível “escutar” senadores, generais e soldados, alguns indivíduos que dão suporte à sua visão da história do período e, por fim, o povo. Miller (1968, pp. 287-290) afirma que, de modo geral, a preocupação é sempre para com a política em Roma, e os frequentes e longos discursos geralmente comprovam isso. Tácito utiliza o *innuendo*, o apelo a insinuações, para transmitir a impressão de que o autor se exime da responsabilidade de fornecer um julgamento diante dos eventos que descreve.

Como forma de esboçar uma parcialidade na narrativa, um dos primeiros e principais expedientes é a isenção de acusações diretas sobre os crimes que ocorrem durante o texto. Conforme Ryberg (1942), essa hesitação se mostra bastante contrária ao intento de Tácito em relatar motivos, analisar razões para determinados acontecimentos, reconstruir pensamentos, sentimentos e intenções.

Assim, um dos principais personagens apresentados com essa técnica é Tibério. Um exemplo muito claro é o relato sobre a morte de Augusto, justificado por rumores de que o agravamento de sua saúde se devia a crimes por parte de sua mulher Lívia²¹ e pela suspeita de o imperador ter visitado secretamente Agripa Póstumo durante seu exílio. Tácito se nega a decidir pelo rumor, mas oferece certa plausibilidade para a

²⁰ A disposição do discurso dramático não pode ser considerada como uma circunstância aleatória, mas um fator determinante na constituição de sua narrativa. Entre o início e o fim de suas obras há um gradual crescimento de discursos apresentados como *oratio obliqua*: este fato indica uma predileção de Tácito por essa forma de discurso dramático, que convenientemente o auxilia na expressão dos pensamentos e sentimentos de um indivíduo – uma ferramenta que permite a definição do temperamento de seus personagens. O discurso dramático de Tácito possui características singulares, que refletem a temática de sua escrita: as principais características do Principado, embora não falem críticas bastante contundentes sobre a forma pela qual Tácito se apropriou de vários de seus discursos (Miller, 1968, pp. 290-296).

²¹ Tácito, *Anais*, 1.5.

suspeita de que essas tramas teriam relações com o futuro imperador e sua mãe²². Outro exemplo são as exposições da opinião pública sobre Augusto e Tibério²³, em que Tácito mostra considerações positivas e negativas sobre o principado de Augusto, o que cria no texto uma atmosfera de tensão que anuncia o governo de seu sucessor, permanecendo ao longo das referências a seu governo.

Ainda como parte da utilização do recurso às insinuações, temos a consideração de acusações como alternativa às quais o historiador se exime de justificativas. Ao afirmar que Tibério só veio a ser o principal herdeiro de Augusto pelas mortes de Agripa, Gaio e Lúcio César, o autor insinua ao mesmo tempo a fatalidade ou as tramoias de sua mãe²⁴. Embora não demonstre claramente uma preferência entre as versões, ocasionalmente algum traço do *innuendo* leva o leitor a cogitar a pior possibilidade.

Outro aspecto dessa técnica é a descrição de rumores, boatos ou explicações sem claro suporte – resgatando-as posteriormente à narrativa como fatos tacitamente aceitos. Como principal exemplo, a dúvida presente sobre as causas da morte dos possíveis candidatos à sucessão (fatalidade do destino ou maquinações de Lúvia)²⁵ é resolvida logo adiante²⁶, com Tácito afirmando ser um rumor bastante difundido o fato de Lúvia ter sido uma madrasta atroz para a casa dos Césares (*gravis domui Caesarum nouerca*). Embora não haja qualquer indício, ao leitor dificilmente desconsidera-se uma impressão de culpa por parte de Lúvia. A justaposição de ideias complementa-se à utilização dos rumores e insinuações, pois Tácito descreve constantemente os sentimentos de certos personagens, atribuindo-lhes uma vivacidade que realce o caráter dramático do discurso.

Efetivamente, podemos tomar a descrição da postura de Tibério em relação a seu filho adotivo Germânico: enquanto o *Princeps* mostrava relutância em aceitar a soberania do cargo perante o Senado em setembro de 14 d.C., assumiu ao mesmo tempo o controle imediato da guarda pretoriana e do exército, por temer que Germânico pudesse tomar o poder com suas legiões. Mais ainda, logo adiante Tibério é descrito

²² O senador Lúcio Arrúntio, acusado de traição em 37 d.C., atesta uma condenação do principado de Tibério, e em meio às súplicas para que não cometesse suicídio tão apressadamente, questiona-se sobre o que poderia de melhor esperar de um sucessor? Gaio (Calígula) era inexperiente e havia sido conduzido pelo pior exemplo (*Anais*, 6.48). Além disso, acusações ou críticas são frequentemente consideradas como rumores, opiniões do povo ou boatos: mesmo munido de informações coerentes, ele não deixa de incluir os rumores que sobreviveram a seu tempo (*Anais*, 4.10).

²³ Tácito, *Anais*, 1.4-5.

²⁴ Tácito, *Anais*, 1.3.

²⁵ *Idem, ibidem*.

²⁶ *Idem*, 1.10.

como aflito com a popularidade deste perante o exército²⁷. Em outra passagem, Tácito afirma que os distúrbios entre os partas não eram, de forma alguma, desagradáveis ao imperador, pois estes ofereciam um pretexto para afastar Germânico das legiões que lhe eram fiéis, para estabelecê-lo em uma província distante e desconhecida, onde estaria sujeito tanto às traições quanto aos acasos da fortuna²⁸.

Outra característica presente na narrativa taciteana é a elaboração de obituários, sínteses sobre a vida de um personagem ilustre. O elogio fúnebre, as laudações e homenagens pelos atos e virtudes de um cidadão romano sempre tiveram grande relevância em Roma: após a celebração de um *obsequium*, homenagem decretada pelo Senado sob custeio do erário público, o pronunciamento era destinado a um arquivo²⁹. Para Ronald Syme (1958, p. 27), os obituários evocam nostálgicamente a tradição política republicana.

A definição das principais características da organização narrativa do texto taciteano nos serve, portanto, como arcabouço para melhor compreendermos a elaboração de Tibério como personagem, cuja compilação dos eventos políticos desdobra-se sobre o correr de traços narrativos indubitavelmente distintos. Deste modo, a construção feita por Tácito a respeito de Tibério foi e continua sendo fonte de forte polêmica historiográfica, tanto pelos aspectos literários, que envolvem a busca por uma dedução das motivações ante a representação elaborada, quanto pelo interesse sobre as conjecturas políticas de seu governo e da consolidação do Principado como regime político. É notável a existência de uma caracterização da narrativa que se difere dos relatos posteriores dos governos de Cláudio e Nero, e sobre os motivos dessa discrepância ainda não se firmou um consenso; podemos então arrolar brevemente algumas das principais contribuições sobre esse tema.

²⁷ Para Ryberg (1942, p.397), a existência de rumores e intrigas é um alerta sobre a existência de motivos perversos, e para um historiador que se recusa a fazer julgamento diante dos rumores que lhes chegaram, Tácito criou um panorama vivo de inveja, traição e crimes, acusações associadas nos discursos dos personagens por meio de rumores, recorrendo constantemente a afirmações feitas sem embasamento claro, visando a ratificar a verossimilhança de tais implicações.

²⁸ Tácito, *Anais*, 2.5.

²⁹ Os obituários referem-se a vinte pessoas, geralmente inseridos ao final da crônica anual de eventos estabelecida pela construção analítica da obra (*Anais*, 3.30; 3.48; 3.75; 4.15; 4.44; 4.61; 6.10; 6.27; 6.39; 13.30; 14.19), sem levar em consideração os comentários acerca da vida de Tibério (6.51), Lívía (6.1), Júlia (1.53), Júlia Menor (4.71) e o funeral da viúva de Cássio (3.76), além de breves asserções sobre algumas mortes que estão presentes na narrativa. Destes obituários, quatro são registrados explicitamente como os últimos acontecimentos do ano, dois são de fato os últimos itens da narrativa, quatro são os penúltimos, e ainda assim somente dois dentro do corpo da narrativa. Dos elogios feitos, cinco são relacionados a cidadãos individualmente, um relacionado a um grupo de três pessoas, sendo que o resto está disposto em pares.

No que tange às tentativas contemporâneas dessa empreitada, Thomas Spencer Jerome (1912) busca corroborar o fato de que Tácito, visando a constituir uma caracterização convincente dos personagens de sua trama, estabelece através de sua descrição de Tibério uma narrativa que pouco se apega a um uso responsável das fontes, beirando o ficcional. Tal procedimento, justificado na forma como o autor faz uso da retórica, visa primordialmente a convencer o leitor, conquanto isto afete a lógica da narrativa e gere uma compilação de contradições no texto. Poderíamos assim desconfiar dos propósitos de Tácito ao percebermos a incoerência na elaboração de um cenário de ampla perseguição frente aos crimes de traição: a composição dramática de uma “paranóia” política em Roma esbarra na superficialidade das descrições aos indivíduos perseguidos e pela escassa quantidade numérica.

Mediante tal enumeração, percebe-se que, de fato, existe uma grande quantidade de asserções à conduta de Tibério que lhe são favoráveis na condição de aristocrata e governante. Entretanto, a esses fatos encontram-se inerentes escárnios, insinuações, rumores, boatos ou afirmações aparentemente irrelevantes, mas que são corroboradas em um momento posterior da narrativa. A ausência de uma profundidade na descrição dos eventos seria então compensada pelas insinuações à duplicidade, dissimulação e desonestidade dos pensamentos, palavras e ações do imperador: em inúmeras passagens associam-se seus vícios às referências objetivas de suas decisões políticas, atitudes pessoais e discursos³⁰.

Uma imediata consequência dessa postura crítica foi o questionamento de sua credibilidade como historiador, em que várias apreciações acadêmicas colocaram em xeque a honestidade de propósito e declararam que seu Tibério era elaboração ficcional. Mediante tais críticas, G. A. Harrer (1920) argumenta que, apesar de ter existido uma tradição literária desfavorável a Tibério e do provável uso por Tácito desta, o autor claramente não a criou. As descrições oferecidas sobre Tibério presentes em Veleio Patérculo, Valério Máximo e Filão de Alexandria são bastante favoráveis, mas oferecem muito poucos detalhes para se fazer uma contraposição precisa às afirmações de Tácito, principalmente por Veleio e Valério terem estado presentes na vida pública e por terem sido contemporâneos de Tibério. Sêneca, assim como Tácito, nos fornece uma descrição de Tibério como insensível, isolado e cruel, principalmente no último período de sua vida.

³⁰ Tácito, *Anais*, 1.7; 1.11; 1.33; 1.46; 1.73; 1.81; 3.16; 3.44; 3.64; 4.31; 4.71; 5.1; 6.50; 6.51.

Sêneca provavelmente tinha quarenta anos quando da morte do imperador, sendo admissível que suas opiniões façam eco ao ponto de vista de seu círculo social, abarcado pela nobreza equestre e senatorial. Plínio, o Velho tece um breve comentário sobre o caráter sombrio de Tibério; Flávio Josefo reconstitui pela primeira vez um retrato de Tibério baseado em fontes literárias documentais em vez de conhecimento pessoal: em suas *Antiguidades Judaicas*, de 94 d.C., ele ressalta o contentamento dos romanos com a morte de Tibério e seu aspecto tirânico. Suetônio, que compôs a *Vida dos Césares* logo após a obra de Tácito, apresenta um estudo completo do governo de Tibério, em que tanto os aspectos gerais quanto os detalhes em muito se aproximam das considerações taciteanas. Apesar dessa influência, Suetônio provavelmente baseou seu texto em várias outras fontes.

Dião Cássio, posterior a Suetônio e Tácito, possui uma seção similar não dependente de Suetônio, mas possivelmente advinda de uma fonte comum. Essa clara divisão do principado de Tibério em fases distintas está presente tanto nesses três autores quanto em Sêneca: partindo de fontes comuns, aparentemente podem ter acreditado em um governante que foi se tornando mais cruel e sombrio à medida que o tempo foi passando, embora fosse bom no início; mas estes se diferem ao caracterizar o bom começo de seu governo. Tácito pode ter adicionado uma interpretação pessoal aos eventos, pois embora tenha sido acusado de não ter visto ou corroborado as discrepâncias entre atos e interpretações, afirma que para consolidar a descrição dos imperadores seguiu opiniões consensuais entre escritores anteriores³¹.

Embora não levando em consideração o problema de sua atitude perante a questão de liberdade de expressão e a constitucionalidade de seu governo, Kenneth Scott (1932) estabeleceu uma investigação sobre a valoração do julgamento efetuado por Tácito sobre sua aspereza, hostilidade e intolerância (*diritas*). Apesar da caracterização de Tibério como político rude em seus pronunciamentos, este fato não deve prejudicar a constatação de seus feitos como general e governante, pois, de certo modo, a retórica do imperador é semelhante ao estilo do próprio Tácito. Deste modo, o discurso dramático, amplamente utilizado por Tácito, além de realçar a tonalidade dos enunciados, possivelmente ocasionou alterações nas possibilidades de interpretação.

Miller (1968) pontua que no conjunto dos termos que compõem essa caracterização e ajudam a construir a figura de um homem misterioso, moroso e

³¹ Tácito, *Anais*, 13.20.

violento, estão: *abdo, abstrudo, aspero, deprecior, oblique, obscurus, obsisto, occulo, offensio, perstringo, procumbo, recondo, rumpo, superbio, suspensus, taciturnitas, turbide*. Por sua vez, Kenneth Scott complementa (1932) que as vítimas da aspereza de Tibério não estavam isentas de reprimenda: governadores extorsivos, nobres esbanjadores, senadores petulantes ou adutores, indivíduos impudentes, familiares ambiciosos, cruéis ou incompetentes. Todavia, conquanto as palavras e atitudes de Tibério fossem geralmente justificáveis, sua natureza incisiva e rude colaboraram amplamente para a criação de uma imagem antagônica que lhe distanciou da obtenção de popularidade, especialmente entre aristocratas de Roma e a plebe da cidade.

Ronald Syme (1957) afirma que a figura de Tibério pertenceu ao consenso de uma opinião letrada, e Tácito converteu-a numa obra de arte, utilizando-se da técnica literária e da pesquisa histórica com o mesmo propósito. Dentro das experiências pessoais do historiador também podem ter existido elementos justificadores da tirania de Tibério. Domiciano tinha o hábito de estudar os documentos oficiais de Tibério, e ambos se destacaram por uma cuidadosa administração imperial e pela enérgica perseguição aos acusados de crime de traição. O amplo uso dessa ferramenta de proteção do *princeps* no presente pode ter influenciado Tácito nas incriminações sobre os abusos durante o governo de Tibério.

Não obstante, alegar que sua caracterização seja apenas uma alusão a Domiciano é desconsiderar o peso de uma tradição política, pois as convenções de seu tempo provavelmente o impeliram a acoplar uma tradicional concepção de Tibério aos resultados de suas pesquisas. Para tanto, Stephen Daitz (1960) argumenta que o autor se utilizou de duas técnicas de constituição de uma personagem: a descrição direta e a autorrevelação do caráter.

Por meio da primeira o historiador relaciona a linhagem do imperador com sua personalidade, cuja arrogância teria sido herdada da *gens Claudia*³². A hipocrisia também é uma característica pessoal bastante ressaltada, em que o imperador acobertava com palavras seus crimes³³. Mediante a compreensão dessa técnica, percebemos que Tácito articula a personalidade de Tibério às suas ações posteriores, justificadas sob critérios especulativos e relações de versões convergentes de determinado fato engendradas a partir dos aspectos psicológicos da personagem. Por exemplo, ao descrever que Tibério teria recusado o título de *pater patriae* por estar engajado em

³² Tácito, *Anais*, 1.4.

³³ Tácito, *Anais*, 4.19.

ocupações divinas, Tácito exhibe uma extrema cautela do imperador que beira à paranoia³⁴, embora exponha contraditoriamente que tamanha hesitação visaria à esquiua dos excessos dos adutores no Senado, ambiente em que “a fala era confinada e solapada diante de um *princeps* que temia a liberdade, mas odiava a adulação³⁵”.

Já a técnica da autorrevelação mostra falas creditadas a Tibério, cujas palavras são de Tácito, mas que visam a complementar a caracterização da personalidade do imperador. Muitas delas, conquanto boas em conteúdo, ainda assim são ridicularizadas de uma forma ou de outra. Como principal exemplo, ao recusar várias solicitações de dedicação de culto por chefes de província, este alega que prefere ver sua memória nos corações dos homens do que em pedras³⁶. Logo depois, Tácito intervém: “alguns interpretaram isto como modéstia, outros como hesitação, outros como sinal de um espírito degenerado [...] a contenção da fama significa a contenção das virtudes”³⁷.

A caracterização de Tibério mostra que a aparente sensação de liberdade pela qual o Principado foi estabelecido não condizia mais com o real estado de coisas do período, sendo latente o esforço para ressaltar que ele não se enganou por qualquer fachada de republicanismo demonstrada pelos detentores do Principado. Tácito não demonstra dúvidas quanto à natureza do governo: as premissas estabelecidas por Augusto são sinteticamente desmentidas como o acobertamento do poder assegurado pelo controle do exército, cooptação das massas e pela sucessão dinástica. Se a justificação do Principado foi a de trazer paz e segurança após as graves dissensões civis que exauriram a população do Império, a admissão deste fato não abranda a *libertas* perdida: o termo República é sinônimo de liberdade, enquanto Principado é sinônimo de servidão (*seruito, seruituum*)³⁸.

Assim, podemos afirmar que sua perspectiva sobre o Principado como instituição, bem como a influência negativa da sucessão dinástica, provavelmente estabeleceu uma visão inevitavelmente hostil sobre Tibério. Em um conjunto de postulados contemporâneos sobre o recorte histórico de Tácito, para Robin Seager (2004), o historiador parece estar convencido de que qualquer simulacro da liberdade republicana era uma farsa. Tal constatação, aplicada tanto a Augusto quanto a Tibério,

³⁴ Tácito, *Anais*, 2.87.

³⁵ Ou também quando Tibério recusa a proposta aparentemente bajuladora de Dolabela, para barrar a entrada de cidadãos que fossem inaptos para o serviço público, em que Tácito complementa afirmando que quanto mais rara a popularidade de Tibério, mais aprazível era a reação sobre seus sentimentos (*quanto rarior apud Tiberium popularitas, tanto laetioribus animis accepta*) (Tácito, *Anais*, 3.69).

³⁶ Tácito, *Anais*, 4.38.

³⁷ *Idem, ibidem*.

³⁸ *Idem*, 1.1; 1.7; 1.46; 6.48.

provavelmente tornou impossível para o autor a aceitação da sinceridade nas palavras de cunho republicano neste último imperador.

A desconfiança leva à composição de um imperador cruel, vingativo, arrogante, suspeito, ambíguo e hesitante ao tomar decisões³⁹. David Shotter (2004), por seu turno, afirma que Tácito reconheceu algumas das qualidades de Tibério: seu relato não foi construído inteiramente visando a denegrir a imagem do *princeps*, mas para demonstrar, por meio do realce de sucessivos episódios – como a distância entre a liberdade e o Principado, anteriormente ampliada pela sucessão dinástica –, se intensificou ainda mais pela inabilidade de Tibério e seus contemporâneos em se relacionarem mutuamente. Pode-se afirmar que não teria sido intenção de Tácito uma caracterização inteiramente conturbada de Tibério e seu governo, mas sua insegurança e hesitação contribuíram para a deterioração de seu governo a partir do momento em que tanto ele quanto outros cidadãos começaram a temer pelas próprias vidas.

Buscamos assim ressaltar os componentes narrativos e as principais características literárias e históricas que permitiram ao autor buscar elementos para a composição do principado de Tibério. De forma geral, teria sido uma ausência de percepção de Tibério para os excessos de seu governo que levou Tácito à confirmação de uma tradição política literária que remeteu seu governo ao espectro do medo e da tirania. Em suma, uma breve enumeração das principais opiniões da historiografia sobre Tácito mostra que existe uma enorme divergência, bem como um intenso debate, sobre as possíveis motivações que levaram o autor a construir a imagem de Tibério e seu governo nos *Anais*. Este assunto ainda desperta enorme polêmica entre pesquisadores, o que, conseqüentemente, resultou e ainda significa a produção de enorme quantidade de pesquisas sobre o tema.

Bibliografia

Fontes Textuais

TÁCITO. *The Annals*. Translation by. A. J. Woodman. London, Hackett, 2005.

_____. *The Histories*. Translation by. D. S. Levene, W. H. Fife. London, Oxford University Press, 2003.

³⁹ *Idem*, 1.4; 1.8; 1.10; 1.11; 1.12; 1.13; 1.69; 1.74; 1.80; 2.65; 3.51; 4.1; 4.11; 4.29; 4.30; 4.57; 4.60; 4.67; 4.71; 5.3; 5.5; 6.1; 6.45; 6.46; 6.50.

Obras Gerais

ADCOCK, F. E. *Las ideas políticas y la práctica política em Roma*. Caracas, Instituto de Estudios Politicos, 1989.

COUSIN, J. “Rhétorique et psychologie chez Tacite”. *Revue des Études Latines*. n. 28, , 1951, pp. 228-263 .

DAITZ, Stephen G. “Tacitus’ Technique of Character Portrayal”. *The American Journal of Philology*. Maryland, vol. 81, n. 1, 1960, pp. 30-52.

HARRER, G. A. “Tacitus and Tiberius”. *The American Journal of Philology*. Maryland, vol. 41, n. 1, 1920, pp. 57-68.

JEROME, Thomas Spencer. “The Tacitean Tiberius: A Study in Historiographic Method”. *Classical Philology*. Chicago, vol. 7, n.3, 1912, pp. 265-292.

MELLOR, Ronald. *Tacitus*. New York, Routledge, 1993.

MICHEL, Alain. “De César a Marc Aurèle: Principate et domination”. In: *Histoire des doctrines politiques à Rome*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971, pp. 51-82.

MILLER, N. P. “Tiberius Speaks: An Examination of the Utterances Ascribed to Him in the *Annals* of Tacitus”. *The American Journal of Philology*, vol. 89, n. 1. Maryland, The Johns Hopkins University Press, 1968, pp.1-19.

RYBERG, Inez Scott. “Tacitus’ art of *Innuendo*”. In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, vol. 73. Maryland, The Johns Hopkins University Press, 1942, pp. 383-404.

SEAGER, Robin. *Tiberius*. London, Blackwell Publishing, 2005.

SCOTT, Kenneth. “The *Diritas* of Tiberius”. *The American Journal of Philology*. Maryland, vol. 53, n. 2, 1932, pp. 139-151.

SHOTTER, David. *Tiberius Caesar*. New York, Routledge, 2004.

SYME, Ronald. *Tacitus*. 2 vols. London, Oxford University Press, 1997.

_____. “The Senator as Historian”. In: *Histoire et historiens dans l’antiquité*. Genève, Vandoeuvres, 1956, pp. 187-201.

_____. “How Tacitus Came to History”. *Greece & Rome*. London, vol. 4, n. 2, 1957, pp. 160-167.

_____. “Tacitus: Some Sources of his Information”, *Journal of Roman Studies*, vol. 72, 1982, pp. 68-82

